

## Sade em Piva

Doutoranda Clara Carnicero de Castro<sup>1</sup> (USP)

### Resumo:

*“Não se é criminoso por fazer a pintura das bizarras inclinações que a natureza inspira”, disse Sade. “Pelos muitos caminhos por onde meu coração me arrasta, não pode ser que eu não encontre uma verdade”, disse Artaud, em palavras que Roberto Piva reproduziu em seu quarto. Não é por acaso, portanto, que Sade é figura reverenciada na obra de Piva. Sustentando a tese de que o prazer tem um papel constituinte na estruturação do sujeito e de que não existe nenhuma grandeza moral no mundo capaz de elevar-se acima da percepção sensível, o marquês forneceu a Piva argumentos que autorizavam o exercício pleno e “irresponsável” da liberdade: “contra as responsabilidades pelas sensações”, segundo o autor em Piazzas. Trata-se de avalizar o completo desregramento das sensações. E tanto em Sade, como em Piva, é exatamente a transgressão dos limites por meio da experiência sensível que possibilita a descoberta da unidade profunda do homem.*

**Palavras-chave:** Piva, Roberto; Sade, Marquês de; literatura libertina; erótica literária; poesia brasileira contemporânea.

### Introdução

A idéia de que o primado do desejo tem o papel de operador central no sujeito remonta à tradição de pensamento que se inicia em Hobbes, passa por Malebranche, Locke, Condillac, Hevéltius, La Mettrie e culmina na literatura libertina francesa, atingindo seu extremo limite na obra do Marquês de Sade. A hipótese mais especificamente sustentada por Sade é a de que não existe nenhuma grandeza moral capaz de se elevar acima da massa indiferenciada das sensações humanas e que o acesso ilimitado ao mundo sensível pode expor a unidade profunda do homem. Embora argumentada de modo inédito, tal suposição, segundo Monzani, não foi criação do marquês. Foi, sim, sua própria articulação das premissas básicas acerca dos fundamentos da vida passional desenvolvidas pelos filósofos citados anteriormente (MONZANI, 1995, p. 11-13).

Roberto Piva publicou seus escritos em três grandes surtos: na primeira metade dos anos de 1960, na segunda dos 70 até a primeira dos 80 e no final dos 90 até o presente. Seus escritos foram reorganizados por Alcir Pécora e publicados novamente em três belos livros entre 2005 e 2008 pela editora Globo. Por mais distante que sua obra esteja – no tempo, no espaço e na forma – da tradição das teorias passionais referidas acima, ela parte das mesmas premissas. No entanto, desenvolve-se, obviamente, de modo muito diverso. É certo que a obra de Piva tem inúmeras influências e segue múltiplas correntes filosóficas e literárias. Estudá-la em todas as suas bases pode ser trabalho de uma vida. Entretanto, a referência e reverência que o autor faz ao marquês não são arbitrarias e não podem ser ignoradas. Por conseguinte, especula-se que a argumentação da onipotência do desejo, especificamente a da corrente sadiana, além de ser uma destas, esteja, talvez, em meio às mais primárias e fundamentais.

Sendo assim, a intenção desta apresentação não é fazer um estudo de todos os aspectos pertinentes para a análise da literatura de Piva, mas apenas expor de que maneira as idéias do marquês dialogam com a obra do poeta.

### 1 Contra as renúncias, pelo absoluto do desejo

Na primeira página das *Obras reunidas I*, Alcir Pécora descreve a escrita de Piva como libertina e essencialmente transgressora, cujo núcleo poético assinala todos os interditos e investe contra eles. É, acima de tudo, um *instrumento de libertação psicológica e total* (PIVA, 2005, p. 130) e de

subversão da sociedade e da própria realidade, de modo que já não pode ser entendida ou exercida senão como fruto da violência (PÉCORA, 2005, p. 11). Nesta introdução — mesmo antes do encontro com os poemas do escritor e, neles, com as inúmeras referências e homenagens que o mesmo faz ao divino marquês — já é possível reconhecer os múltiplos traços comuns entre esses dois espíritos libertinos e libertários.

O *Postfácio* de *Piazzas*, no qual o próprio poeta explica suas motivações e intenções, é um grande exemplo do que foi dito:

As cavilosas maquinações contra a Vida como consequência de um Eu Ideal (Deus, Pai, Ditador) nos obrigando a renúncias instintivas, nos transformando em conflituados neuróticos sem possibilidades de Brecha alguma, reduzindo a vício o nosso espontâneo interesse pelo sexo, o cristianismo como a escola do Suicídio do Corpo revelou-se a grande Doença a ser extirpada do coração do Homem. (PIVA, 2005, p.128-129).

Com efeito, na prosa sadiana, Deus, sociedade e até mesmo a natureza são entendidos como absolutos pré-fabricados cujo valor o homem não pode reconhecer, pois, como uma máscara, escondem-no de si mesmo, produzindo uma idealização quimérica da verdade. Conforme Annie Le Brun, é preciso revelar a realidade material de tudo aquilo que é escondido por uma imaterialidade, ou seja, fazer uma limpeza ideológica capaz de reter as fantasias inculcadas no indivíduo pela sociedade e religião (BRUN, 1982, p. 242). E é somente através do imaginário do excesso e de sua prática contínua e radical que o homem consegue livrar-se do círculo vicioso de falsas representações, atingindo um maior esclarecimento da realidade individual e do mundo.

Assim, é fácil constatar que em ambos os autores a total liberação se dá apenas por meio da experiência sensível, que extirpa do coração do homem a *grande doença* – no caso de Piva – ou a idealização quimérica – no caso de Sade. A idéia do *Eu Ideal* (*Deus, Pai e Ditador*), em Piva, implica a figura da autoridade que impõe a manutenção do poder por meio de falácias que objetivam o amansamento do corpo e da mente, logo, a renúncia dos instintos naturais: o *Suicídio do Corpo*, a transformação dos homens em *conflituados neuróticos*.

Para Sade, as leis são relativas, os legisladores inábeis e um sistema que só pune, ineficaz. Leis criadas para todos nunca poderão satisfazer as necessidades de um indivíduo em particular. Entre o pacto social que restringe o desejo e o estado de guerra que restringe a segurança, o libertino sadiano opta sempre pelo último, preferindo o risco e o direito ilimitado ao gozo. Prefere um “*modo de vida*” que chega nas franjas do anarquismo, se é que não está nele (MONZANI, 1995, p.111), e possibilita a plena satisfação do desejo. Igualmente, no *Manifesto da selva mais próxima*, Piva propõe um modo de vida alternativo, caótico e anárquico, livre dos sistemas repressores:

É do Caos, da Anarquia social que nasce a luz enlouquecedora da Poesia / Criar novas religiões, novas formas físicas, novos anti-sistemas políticos, novas formas de vida / Ir à deriva no rio da Existência. (PIVA, 2006, p.149).

E, no *Poema Porrada*, deixa claro que, assim como os libertinos sadianos, não pagará o preço pela paz, não se juntará à “massa frágil” :

Eu estou farto de muita coisa / não me transformarei em subúrbio / não serei uma válvula sonora / não serei paz / eu quero a destruição de tudo que é frágil: / cristãos fábricas palácios / juízes patrões e operários. (PIVA, 2005, p.66).

O resultado, portanto, dessa revolta contra o pacto social é a recusa do interesse coletivo a favor do particular. E, nesse aspecto, os autores caminham juntos, pois compartilham a urgência no ato de elevar-se acima da classe dominante repressora que apaga o interesse individual em prol da

utilidade pública. Se todas as virtudes são definidas pela utilidade pública, é logicamente o vício que define o interesse individual. E se este é anormal à sociedade, pois não se adapta a ela, não há como evitar: ao buscar a plena satisfação pessoal, o homem sempre será criminoso. A arte, assim, não é apenas forma de expressão, mas o meio e a mensagem de libertação do indivíduo da prisão formada pelas representações fantasiosas que o escravizam:

O objetivo de toda Poesia & de toda Obra de Arte foi sempre uma mensagem de Libertação Total dos Seres Humanos escravizados pelo masoquismo moral dos Preconceitos, dos Tabus, das Leis a serviço de uma classe dominante cuja obediência leva-nos preguiçosamente a conceber a Sociedade como uma Máquina que decide quem é normal & quem é anormal. Para a Sociedade Utilitarista do nosso tempo, a prova máxima de normalidade é a adaptação do indivíduo à família & à comunidade. Numa sociedade assim estruturada, todas as virtudes, digo Todas, estão a serviço do Princípio da Utilidade. (Piva, 2005, p.130).

Insistindo no prevalecimento do indivíduo, Sade argumenta que há no universo uma energia que se mantém em movimento constante e uniforme, produzindo o choque entre os átomos, logo, a composição e decomposição indiferenciada de toda a matéria. Tal energia atinge nossos sentidos por meio de estímulos externos e é conduzida pelo aparelho nervoso até nosso cérebro, produzindo diversos efeitos na sexualidade humana. Renunciar tais desejos instintivos é o mesmo que recusar a própria organização natural. Dessa forma, na teoria sadiana, a ênfase na execução do movimento do desejo é tão grande que uma possível abstinência sexual provocará não somente mal-estar e desconforto, mas também terríveis infortúnios.

Piva, embora não sustente a onipotência do desejo como uma possível teoria de predestinação — como o faz Sade —, convida o leitor a se entregar à *dissolução e ao desregramento*, pede o fim da renúncia e a liberação dos nossos instintos naturais, da *nossa Alma Fecal*:

Nós convidamos todos a se entregarem à dissolução e ao desregramento. A Vida não pode sucumbir ao torniquete da Consciência. A Vida explode sempre no mais além. (...) É preciso não ter medo de deixar irromper a nossa Alma Fecal. (PIVA, 2005, p.137).

Mostra também, no *Manifesto utópico-ecológico em defesa da poesia & do delírio*, como a civilização, dissimuladamente, destrói o homem, destituindo-o de seu núcleo biológico e espaço vital. Aqui, a renúncia ao imperativo categórico dos sentidos provoca mal-estar físico e psicológico e impossibilita o homem a pensar por si mesmo. Ocupado em tempo integral pelo Estado, o sujeito adestrado perde o acesso ao conhecimento:

Estamos sendo destruídos em nosso núcleo biológico, / nosso espaço vital & dos animais está reduzido a / proporções ínfimas / quero dizer que o torniquete da civilização está / provocando dor no corpo & baba histérica / o delírio foi afastado da Teoria do conhecimento. (PIVA, 2006, p.143).

O Estado mantém as pessoas ocupadas o tempo integral / para que elas NÃO pensem eroticamente, poeticamente, libertariamente. (PIVA, 2006, p. 145).

Em Sade, a personagem do livro *Infortúnios da virtude*, Justine, exemplifica o ato descrito por Piva de *não pensar eroticamente, poeticamente, libertariamente*: iludida por preconceitos, cega diante da verdade, a heroína prova, numa série de infortúnios, a deterioração das idéias e, conseqüentemente, a deterioração do corpo. A excessiva realização da experiência sensível é condição da existência do libertino sadiano. Aquele, pois, que não consegue sobrepor-se ao imaginário infestado de fantasias e preconceitos, que é incapaz de transferir as idéias para o campo erótico e o erotismo para o campo da idéias, está fadado à destruição ou, menos radical, como escreve o poeta, a ter *dor no corpo & baba histérica*, a ser um *conflituado neurótico*.

Em outro trecho do *Postfácio*, agora abertamente, Piva corrobora e exalta as idéias do marquês:

Por isso, em contraposição às passeatas da Família com Deus pela Castidade, & toda manifestação deste fã-club-de-Deus, nós oporemos a Liberdade Sexual Absoluta em suas mais extremadas variações levando em conta a solução do Marquês de Sade para quem a Justiça é a Santidade de Todas as paixões. Sob o império ardente de vida do Princípio do Prazer, o homem, tal como na Grécia dionisíaca, deixará de ser artista para ser Obra de Arte. (PIVA, 2005, p.131).

Em Sade, crimes e vícios passam a ser trocas de energia e exemplos da autonomia do indivíduo. O remorso torna-se um sentimento inútil, próprio dos fracos, produzido por uma consciência quimérica e preconceituosa. Representa apenas o medo de agir contra o que é socialmente proibido. Assumi-lo, seria privar-se do prazer sensível e renegar os instintos naturais. A única lei permitida é fazer aquilo que agrada e jamais recusar nada ao imperativo do desejo:

Não hesitemos, portanto, entre dois modos, do qual um, a virtude, conduz somente à inação mais estúpida e monótona, e o outro, o vício, a tudo que o homem pode esperar de mais delicioso sobre a terra. (SADE, p. 201, 1978).

Tais idéias são possivelmente compartilhadas por Piva, como se vê em *Ode a Fernando Pessoa*:

Resumirei para Ti a minha história: / Venho aos trambolhões pelos séculos, / Encarno os fora-da-lei e todos os desajustados, / Não existe um gângster juvenil preso por roubo e nenhum louco sexual que eu não acompanhe para ser julgado ou condenado; / Desconheço exame de consciência, nunca tive remorsos, sou como um lobo dissonante nas lonjuras de Deus. (PIVA, 2005, p.24).

## **2 O avanço no território sensível: a experiência do mal**

No ato de redescobrir-se através da experiência sensorial, o homem é conduzido, inevitavelmente, à realidade do cruel. Ao mostrar o indivíduo mais humano, desmascarado das representações idealizadas, Sade expõe seu aspecto mais monstruoso. Isso porque, para ele, conforme Simone de Beauvoir, a sensação *é a única medida de realidade* (BEAUBOIR, 1961, p.53) e tudo aquilo que foge dela é quimérico. A virtude, pois, não se liga a nenhuma sensação e não pode ser recuperada pelo indivíduo de forma concreta. Portanto, é apenas no crime que o homem se realiza como eu concreto, como ser autônomo. Além disso, o crime possui outra característica importante: é capaz de proporcionar ao libertino um acúmulo de energia. Como explica Eliane Robert Moraes, *ao devasso interessa o corpo vivo, a vida enquanto pulsa* (MORAES, 1994, p. 171).

Nos surrealistas, ainda de acordo com Eliane Robert Moraes, a questão da experiência do mal em Sade foi bastante analisada. Estes perceberam que o marquês havia, de fato, feito uma descoberta fundamental, a de que *a potência do desejo está intimamente relacionada à violência* (MORAES, 2006, p. 123). Para Bataille, a partir da crueldade da prosa sadiana, o homem tornou-se capaz de acessar um domínio que até então estava velado, penetrando profundamente na sua consciência transgressora (MORAES, 2006, p.123). E, para Breton:

O pensamento de Sade forneceria uma das visões mais lúcidas sobre as forças que agem intimamente no homem e que estão na origem dos seus atos de violência: ao perceber na crueldade sadiana os mesmos traços da ferocidade inocente da infância, Breton reitera a idéia de que cada ser humano encerra dentro de si um princípio do mal. (MORAES, 2006, p.123).

Em Piva, imagens de sangue, morte e tortura são relativamente comuns e misturam-se, em muitos casos, ao sexo. É claro que, no poeta, a violência não pode ser simplesmente compreendida como um reflexo da de Sade, pois parece ter, mais freqüentemente, a função de *demonstrar ostensivamente o cerco social, político, cognitivo e moral imposto a toda forma de vida* (PÉCORA, 2005, p. 1) que afirmar a autonomia do homem através do crime.

Contudo, por vezes, a semelhança nas imagens e na linguagem é tanta, que é impossível não pensar numa referência. Basta comparar alguns suplícios das paixões assassinas enumerados em *120 dias de Sodoma*:

134. Só flagela rapazes dos catorze aos dezesseis anos, os quais obriga a descarregarem em sua boca depois da punição. Cada um dos rapazes é aquecido por seiscentas chicotadas; recebe sempre dois de cada vez. (SADE, 1980, p. 317).

83. Com um fósforo cauteriza suas pálpebras; isso não deixa a mulher dormir nessa noite, porque não consegue fechar os olhos. (SADE, 1980, p. 331).

98. Um homem que gostava de infligir pequenas queimaduras, melhora sua paixão: assa agora suas vítimas numa grelha, voltando-as repetidas vezes. (Sade, 1980, p. 356).

com os também enumerados *Apavoramentos* de Piva:

nº 1: Quinze adolescentes de ambos os sexos foram chicoteados na / bunda por batalhões da TFP que os insultavam enquanto / trezentos rapazes & moças de seita imperialista Igreja Católica / cortavam rodela de cebola & colavam em seus olhos. (PIVA, 2006, p. 55).

nº2: Dezoito garotos & dezoito garotas foram emparedados vivos / em caixas construídas com chicletes que só Adams fabrica & / tostados dentro de um porão de ar-sênico & cascavéis. (PIVA, 2006, p. 54).

Sem esquecer as diferenças, o tema da violência, nos dois os escritores, pode ser entendido como um desenvolvimento do mote transgressivo, ou seja, da tentativa de radicalização pela exaustão das possibilidades do excesso. E, também, como o único meio de sobrevivência dentro do estado de guerra. Antes praticar e lidar com a violência individual que resignar-se ao domínio do Estado: *Fazemos uma afirmação de que os atos individuais de violência são sempre preferidos à violência coletiva do Estado* (PIVA, 2005, p. 131). Nos dois sentidos, Piva anda juntinho de Sade:

as nuvens caçoavam os bigodes enquanto masturbavas colérico sobre o / cadáver ainda quente de tua filha menor. (PIVA, 2005, p.48).

Onde procurar / o sangue que se / ALONGA / pelo / solo / ssssssspleesinergia / canhões lascivos / gemido / de / garoto / ferido. (PIVA, 2006, p 40).

vou moer teu cérebro. vou retalhar tuas / coxas imberbes & brancas. / vou dilapidar a riqueza de tua / adolescência. vou queimar teus / olhos com ferro em brasa. / vou incinerar teu coração de carne & / de tuas cinzas vou fabricar a / substância enlouquecida das / cartas de amor. (PIVA, 2006, p. 109).

Suas coxas se retesam / & você chora um pouco / venha, lamba minha mão & / se prepare para um milhão / de comas loucas loucas. (PIVA, 2006, p. 38).

### 3 Diversidade e requinte: a degustação das paixões

Do vinho ao sangue, da mesa de banquete à cirúrgica, das iguarias mais raras à carne e dejetos humanos, do flagelo à mutilação, os libertinos sadianos degustam todas as variedades de paixões. Marcel Hénaff explica que a paixão, nos escritos do marquês, precisa ser criteriosamente refinada para engendrar uma situação ideal de irritação dos sentidos. Não apenas o prazer deve seguir a ordem da quantidade, na qual o libertino produzirá o maior número de descargas no menor tempo possível; como a da qualidade, na qual um princípio interno de mudança, ou seja, um detalhe engendrará uma diferença persistente, contribuindo para a singularidade da experiência erótica. É apenas penetrando no monstruoso e no extraordinário que os sentidos, assim como a imaginação, serão estimulados ao limite (HÉNAFF, 1968, p. 40-47).

É novamente Eliane Robert Moraes que elucida a questão:

Resíduo, sobra, acréscimo e excedente, a vítima equivale às matérias malditas, entre as quais estão as jóias e os excrementos, o luxo e a sujeira: são excessos. Situam-se fora do mundo do trabalho, são formas improdutivas que existem para ser dilapidadas, não no sentido vulgar – a despesa funcional – e sim no mais nobre: o consumo violento, pela radicalidade com que destrói, dá o verdadeiro sentido da riqueza, a liberdade. (MORAES, 1994, p 174).

A variedade das paixões tem como objetivo prolongar ao máximo a liberdade libertina. Sem riscos, longe do pacto social, mas na autonomia de si, o devasso pode consumir tudo o que lhe aprouver.

Segundo Claudio Willer, também encontramos, na poética de Piva, *o império da diversidade, onde tudo é permitido, regido pela erotização da erudição* (WILLER, p. 163-165, 2005). Assim como em Sade, no *império da diversidade* de Piva, vê-se o esforço em explorar a variedade qualitativa e o excesso quantitativo das paixões. Primeiramente, de forma mais tênue, como no convite ao banquete de vinho e pizza:

Agora, vem comigo ao Bar, e beberemos de tudo nunca passando pelo caixa, / Vamos ao Brás beber vinho e comer pizza no Lucas, para depois vomitarmos / tudo em cima da ponte. (PIVA, 2005, p.23).

Depois, um pouco mais sensual, na mistura do alimento com fluidos genitais:

Só acredito em geléia genital / ânus solar / azeitona com pimenta & vinho rose. (PIVA, 2006, p. 128).

E, de forma mais intensa, juntam-se, na imagem poética, sangue, sêmen, dejetos e cadáveres:

Meu impulso de conquistar a Terra violentamente descendo uma rua gasta / (...) / o sangue fermenta debaixo das tábuas / (...) / onde está tua alma sempre que o velho Anjo conquista as árvores com seu sêmen? / (...) / colunas de vômitos vacilam pelos olhos dos loucos / corpos de bebês mortos apontam na direção de uma praça vazia / (...) no ar no vento nas poças as bocas apodrecem enquanto a noite / soluça no alto de uma ponte. (PIVA, 2005, p. 59).

No limite, vemos em *Osso e liberdade* a descrição de Oscar Amsterdam, um libertino “pivaniado” à altura dos de Sade. A personagem tem prazeres requintados: gosta de ser sodomizado por mulheres munidas de falos de borracha, alimenta-se com carne de tatu, coleciona amantes para envenená-los após ter-se saciado sexualmente, jogando-os no rio Tietê para, em seguida, jantar frango com polenta, bebendo cerveja e declamando poemas de Lorenzo de Médici:

Onça Humana quis saber se Pólen conhecia um garoto meio / pirado chamado Oscar Amsterdam que tinha vícios / requintados & que gostava de ser comido por mulheres / aparelhadas com falos de borracha & que gostava de se / banquetear com carne de tatu assado no restaurante / Sujinho aos sábados & colecionar amantes revisionistas para envenená-los (influência dos personagens de *O príncipe*) & / jogá-los no rio Tietê depois de ter saciado feito uma / Messalina adolescente seu apetite sexual louco & ter a cara / dura de ir jantar frango com polenta & declamar poemas / de Lorenzo de Médici bebendo cerveja ... (PIVA, 2006, p. 61).

Finalmente, conforme Eliane Robert Moraes, é exatamente *no projeto de levar à exaustão uma demanda de radicalidade* que os escritos de Piva ganham força, ocupando, desse modo, um lugar único na literatura brasileira contemporânea (MORAES, p. 160, 2008).

#### **4 Conhecimento e descoberta: a experiência sensível como meio**

Na prosa sadiana, o erotismo não é gerado simplesmente pela vasta descrição da experiência sensível, mas através do raciocínio da mesma, de sua elaboração mental. As longas dissertações entre os libertinos entremeadas de orgias sanguinolentas ou apenas diversificadas nos permitem supor que o objetivo principal do marquês era perscrutar o homem em sua complexidade, mostrando-o explicitamente nu, físico e mentalmente para, com isso, desvendar suas faces mais profundas. Todavia, redescobrir o homem através da experiência do prazer conduz, logicamente, à realidade cruel. Dessa forma, como bem observou Octavio Paz, *Sade descobriu realidades que, por mais explosivas e atrozes que nos pareçam, não deixam de ser nossas* (PAZ, 1999, p. 39-40). Portanto, ignorando a opinião pública e as convenções morais, o autor procurou determinar, a partir da realidade e da experiência do desejo, um plano de conduta no qual o homem pudesse reencontrar o homem.

De forma similar, Piva também pretende mostrar esse lado renegado, velado do homem. Conforme Pécora, a literatura de Piva quer encarar tudo, *despudoradamente diz o que ninguém quer ouvir, e está disposta a pagar o preço pela inconveniência* (PÉCORA, p. 09, 2005). Tem o corpo como o *principal domínio da inteligência imaginativa*, de forma que a arte torna-se grande apenas quando inscrita no corpo (PÉCORA, p. 15, 2006). Sua poesia, portanto, explora as sensações em todos os seus aspectos como um meio para o acesso ao conhecimento e à descoberta. Além disso, as orgias de seus personagens são – como as dos de Sade – entremeadas de diálogos, leituras, discussões filosóficas e literárias. No percurso do conhecimento, é condição que corpo e mente estejam juntos:

Pólen costumava organizar sua vida às quintas-feiras mas estávamos numa quarta & e sua loucura era da pesada sem distinção de raça credo ou cor & uivava pelas ruas com duas panteras pintadas em seu peito falando com os amigos sobre as poesias de Maquiavel, César Bórgia, Castruccio Castrani ... (...) O trombadinha queria dar. Pólen o comeu ali mesmo, depois de roubar sua camisa. (PIVA, 2006. p.59).

Nesse sentido, Piva deve incomodar tanto quanto Sade, pois também faz questão de operar acima das *odiosas convenções sociais* e das opiniões públicas. Desagradar é uma infeliz consequência, mas o caminho da transgressão tem objetivos maiores e mais importantes, como a iluminação, a conquista do conhecimento, a descoberta:

Numa noite em que Johnny Alf dava canja no Cambridge, noite de desejar morrer, esquecer tudo, que testemunha a confusão a loucura de minha mente com um Amor tão sujeito à decomposição, querendo fazer-me compreender & gritar tão desolado de maneira a desatinar novamente todas as criaturas, esta mesma noite, tremendo como um verdadeiro anjo estragado pela INTERRUPÇÃO CRIADORA, no instante em que dúvidas, dúvidas não me obrigavam a renunciar ao prazer do passado integrando a Dor Esfarrapada do Mundo no ansioso reconhecimento da Realidade,

eu desejei enfocar de uma maneira muito independente, minha & seguir adiante, desejando viver, buscando vida sempre. (PIVA, 2005, p.128).

## **Conclusão**

Pretendeu-se, nesta apresentação, analisar as relações entre a prosa do Marquês de Sade e a poética de Roberto Piva. A intenção, em nenhum momento, foi exaurir o assunto, que é amplo demais para uma curta comunicação. Porém, as análises aqui feitas mostram que o diálogo entre os autores, apesar de tão distantes na história, na geografia e nos gêneros praticados, é por demais pertinente e fornece boa base para a compreensão da obra de Piva, tão complexa e ainda pouco estudada. Salienta-se, também, que não é a filosofia sadiana que entregará a chave de seus escritos, mas que aquela, como foi visto, elucida pontos cruciais destes. Bem, estão lançadas as sementes para futuros estudos das relações entre os dois autores.

## ***Referências Bibliográficas***

- BEAUVOIR, S de. **Deve-se queimar Sade?** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.
- BRUN, A. L. **Soudain un bloc d'abîme: Sade.** Paris: Pierre Belfond, 1983.
- CASTRO, C. C. **O sistema filosófico do Marquês de Sade: estudo do sistema filosófico do Marquês de Sade a partir das filosofias iluminista e libertina do século XVIII na França.** Dissertação (mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- HÉNAFF, M. **L'invention du corps libertin.** Paris: PUF, 1968.
- MONZANI, L. R. **Desejo e prazer na Idade Moderna.** Campinas: Editora de Unicamp, 1995.
- MORAES, E. R. **Sade: a felicidade libertina.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.
- \_\_\_\_\_. **Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina.** São Paulo: Iluminuras, 2006.
- \_\_\_\_\_. A cintilação da noite. In: PIVA, R. **Mala na mão & asas pretas. Obras reunidas vol. 2.** São Paulo: Globo, 2006, p. 152-161.
- PAZ, O. **Um mais além erótico: Sade.** São Paulo: Mandarim, 1999.
- PÉCORA, A. Nota do organizador. In: PIVA, R. **Um estrangeiro na legião. Obras reunidas vol. 1.** São Paulo: Globo, 2005, p. 8-15.
- \_\_\_\_\_. Nota do organizador. In: PIVA, R. **Mala na mão & asas pretas. Obras reunidas vol. 2.** São Paulo: Globo, 2006, p. 8-19.
- PIVA, R. **Um estrangeiro na legião. Obras reunidas vol. 1.** São Paulo: Globo, 2005
- \_\_\_\_\_. **Mala na mão & asas pretas. Obras reunidas vol. 2.** São Paulo: Globo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Estranhos sinais de Saturno. Obras reunidas vol. 3.** São Paulo: Globo, 2008.
- SADE, M. de. **La nouvelle Justine ou Les malheurs de la vertu, tome 1.** Paris: Union générale d'Éditions, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Os 120 dias de Sodoma.** Trad. João M. P. de Albuquerque. São Paulo: Aquarius, 1980.
- WILLER, C. Uma introdução à leitura de Roberto Piva. In: PIVA, R. **Um estrangeiro na legião. Obras reunidas vol. 1.** São Paulo: Globo, 2005, p. 144-183.



<sup>1</sup> **Autora**

**Clara Carnicero de Castro, Doutoranda**

Universidade Estadual de São Paulo, USP

Departamento de Filosofia

castro\_clara@hotmail.com